



O Projecto de Investigação Arqueológica “CIB” e a campanha de escavações Chibanes/2012

Joaquina Soares*
Carlos Tavares da Silva**

RESUMO

Procede-se à caracterização sumária do projecto de investigação “CIB - Chibanes no contexto da arqueologia da Península da Arrábida”, aprovado pela DGPC em 2012; noticia-se o programa de formação e divulgação associado ao mesmo, nomeadamente através do “Curso de Verão Arrábida Arqueológica” e publicam-se os resultados das escavações de 2012 realizadas no Castro de Chibanes que incidiram sobre as ocupações do período romano-republicano.

ABSTRACT

The authors proceed to a general characterization of the research project “CIB- Chibanes in the archaeological context of the Arrabida Peninsula”, which was approved by the national archaeological authority (DGPC) in 2012. The Arrábida Archaeological Summer School operationalized the educational purposes of the project. The archaeological report of the fieldwork from the 2012 season, which included Roman republican occupations, is also presented in this paper.

INTRODUÇÃO

Chibanes é um dos sítios arqueológicos mais emblemáticos da Península de Setúbal. Localiza-se sobre o relevo monoclinal que limita a norte a cordilheira da Arrábida, a chamada Pré-Arrábida na feliz designação de Orlando Ribeiro (1937). O seu domínio visual é extraordinariamente amplo, abrangendo os estuários do Sado e Tejo. O factor topográfico deve ter pesado na escolha desta localização em conjunturas de intensa conflitualidade, como parecem ter sido o III milénio cal AC e a II Idade do Ferro, cujas fortificações possuem traçados aproximadamente coincidentes. Também durante a conquista romana, no último quartel do século II a. C., o local é fortificado, podendo corresponder ao acampamento militar de *Caepiana* (Guerra, 2004).

O presente projecto possui uma componente de “investigação pura” dirigida para a produção de

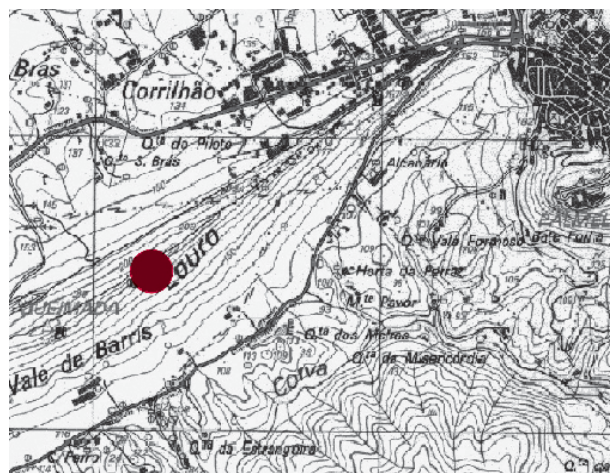


Fig. 1 - Localização do Castro de Chibanes na C. M. P., Esc. 1/25000, Folha 454.

* Directora do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. Investigadora da UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. joaquina-soares1@gmail.com

** Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. Investigador da UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. cea.maeds@mail.telepac.pt

conhecimento relativo à longa diacronia das ocupações humanas da Península da Arrábida durante a Pré e a Proto-história, uma vez que Chibanes integra estratos arqueológicos com essa abrangência (Tavares da Silva & Soares, 2012, 2014). Sem grandes dificuldades, reconhecemos que se trata de um projecto de Arqueologia Regional (Tavares da Silva & Soares, 1986 e 2006). No entanto, as interrogações que à partida se colocam ultrapassam, em muito, essa vaga classificação. Assim, no que respeita ao III milénio, procuram-se respostas para as problemáticas da desigualdade social e da economia política que configuram as grandes mudanças ocorridas na segunda metade desse milénio (Soares, 2003 e 2014; Tavares da Silva & Soares, 2014). No que concerne à Proto-história e período Romano Republicano, as questões mais pertinentes para as quais tentaremos obter resposta relacionam-se com as redes de povoamento sidérico e o impacto dos primeiros contactos itálicos na região (cf. a propósito, Soares & Tavares da Silva, 1973; Tavares da Silva e Soares, 1997).

O projecto integra ainda duas outras dimensões:

- A função formativa/educativa, pois tem sido considerada a participação de alunos universitários da licenciatura de Arqueologia nos trabalhos de campo e de gabinete, podendo as suas prestações escolares incidir sobre temas associados ao projecto. De certa forma, a inspiração que nos norteia advém sobretudo do “chantier-école” de Pincevent, dirigido por Léroï-Gourhan (Leroi-Gourhan & Brézillon, 1972), que tanto marcou a geração de 70 do século XX, e que em muitos aspectos continua a ser um exemplo de boas práticas do ensino experimental da Pré-história;

- A componente de valorização patrimonial, direccionada para a musealização do arqueossítio, que adquiria nesse projecto particular relevância, uma vez que estava em curso a defesa da candidatura da Arrábida a Património da Humanidade, da iniciativa da Associação de Municípios da Região de Setúbal.

O CIB tem a duração de 4 anos; iniciou-se no Verão (Julho) de 2012 e terminará no Verão (Julho) de 2015. Em cada ano desenvolver-se-á uma campanha de trabalhos de campo, com a duração de cerca de 1 mês, durante a qual se procede à escavação, limpeza e conservação do sítio de Chibanes e à prospecção arqueológica da envolvente, recorrendo sobretudo à observação de superfície, à leitura de taludes e, excepcionalmente, à realização de sondagens-teste.

CURSO DE VERÃO “ARRÁBIDA ARQUEOLÓGICA”

Os trabalhos arqueológicos no Castro de Chibanes foram acompanhados de um curso de Verão em que participaram todos os intervenientes nas escavações arqueológicas.

Organização: MAEDS.

Coordenação: Joaquina Soares

Apoio: Câmaras Municipais de Palmela e Setúbal.

Local: Casa da Baía – Centro de Promoção Turística (Setúbal) e Castro de Chibanes (Palmela).

Tema: Arqueologia da Arrábida

Período: 9 a 13 de Julho.

O Curso de Verão “Arrábida Arqueológica” ofereceu componentes de formação teórica no âmbito das escavações arqueológicas desenvolvidas no Castro de Chibanes (Palmela), onde estão representados contextos do Calcolítico-Bronze antigo, da Proto-história (séculos IV-III a. C.) e do período Romano Republicano (séculos II-I a. C.).

Este curso foi direccionado para estudantes dos vários ciclos de ensino superior, para investigadores, e aberto à participação de público interessado.

Pretendeu-se que as competências nele adquiridas permitissem aos participantes melhorar as suas metodologias de trabalho, adquirir novos conhecimentos, e explorar áreas com as quais a Arqueologia mantém cruzamentos indispensáveis (Geologia, Estratigrafia, Paleobotânica), de forma a ampliarem a experiência profissional e social.

PROGRAMA

09/07/2012

15h00 Recepção na Casa da Baía, Setúbal.

15h15 “O Castro de Chibanes”, por Carlos Tavares da Silva - Director do Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS; colaborador da UNIARQ).

16h15 “Arqueologia da Arrábida”, por Joaquina Soares (Diretora do MAEDS; Professora de Pré-história holocénica e de Proto-história da FCSH e membro integrado do IAP).

10/07/2012

8h00-13h00 Escavação arqueológica no Castro de Chibanes.

15h00 “Geologia da Arrábida”, por José Carlos Kullberg (Professor do Departamento de Ciências da



Terra da Faculdade de Ciências e Tecnologia (UNL); investigador do Centro de Investigação em Ciência e Engenharia Geológica (CICEG e FCT/UNL).

16h00 “Estratigrafia partilhada pela Geologia e Arqueologia”, por Lígia Castro - Professora do Departamento de Ciências da Terra da Faculdade de Ciências e Tecnologia (UNL); investigadora do Centro de Investigação em Ciência e Engenharia Geológica (CICEG e FCT/UNL).

17h00 “Paleobotânica e reconstituição das paisagens antigas”, por João Pais - Professor do Departamento de Ciências da Terra da Faculdade de Ciências e Tecnologia (UNL); investigador do Centro de Investigação em Ciência e Engenharia Geológica (CICEG e FCT/UNL).

11/07/2012

8h00-13h00 Escavação arqueológica no Castro de Chibanes.

15h00 “Bioantropologia das populações da Pré-história portuguesa”, por Ana Maria Silva - Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Departamento Ciências da Vida (Antropologia), Universidade de Coimbra.

16h00 “A gruta da Figueira Brava e o Paleolítico médio da Arrábida”, por João Luís Cardoso - Professor da Universidade Aberta; investigador da UNIARQ.

12/07/2012

8h00-13h00 Escavação arqueológica no Castro de Chibanes.

15h00 “Placas de xisto gravadas da Península de Setúbal”, por Victor S. Gonçalves - Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Diretor da UNIARQ.

16h00 “Lapa do Fumo (Sesimbra) e as grutas-santuário da Idade do Bronze Final”, por Mário Varela Gomes - Professor de Pré-História e Arqueologia Cognitiva da FCSH da UNL.

17h00 “O castelo de Palmela e a ocupação islâmica da Península da Arrábida”, por Isabel Cristina Fernandes - Arqueóloga da Câmara Municipal de Palmela.

13/07/2012

8h00-13h00 Escavação arqueológica no Castro de Chibanes.



Fig. 2 - Chibanes. Aspecto da escavação. Sector IV.

ANÁLISE TRACEOLÓGICA PARA A RECONSTITUIÇÃO DE PAISAGEM AGRÍCOLA COM 5000 ANOS NA PRÉ-ARRÁBIDA

No âmbito do projecto de investigação sobre o sítio de Chibanes e seu enquadramento regional, promovemos em 2012 o estudo traceológico de um tipo de artefacto lítico do grupo dos foliáceos (“foicinha”), muito característico do Calcolítico de Chibanes e da Estremadura. A análise traceológica foi realizada por Ignacio Clemente-Conte e Niccolò Mazzucco, do Departamento de Arqueologia e Antropologia, Instituição Milà i Fontanals, Conselho Superior de Investigações Científicas (IMF-CSIC), dando origem ao artigo: “Instrumentos para siega y procesado de plantas desde el Calcolítico al Bronce antiguo de Chibanes (Palmela, Portugal)”, por Ignacio Clemente-Conte, Niccolò Mazzucco & Joaquina Soares, que se encontra em publicação na revista “*Trabajos de Prehistoria*”.

A análise traceológica das “foicinhas” confirmou a especialização deste tipo de artefacto na ceifa de cereais, bem como a sua reutilização como elemento de trilho, usado na debulha. A partir do 3º quartel do III milénio, o tipo “foicinha” entra em desuso, sendo substituído por denticulado sobre lasca ou lâmina formatada por retoque abrupto.

A identificação de artefacto lítico directamente afecto à prática agrícola na primeira metade do III milénio cal AC, em associação com as recentes informações arqueológica e paleobotânica publicadas sobre a ocupação calcolítica de Chibanes (Tavares da Silva e Soares, 2014; Tereso, 2014) permitem supor a desflorestação da área envolvente do povoado, com a constituição de campos de cultivo, muito possivelmente protegidos por alinhamentos arbustivos ricos em medronheiro e zambujeiro, como ainda hoje se pode observar em alguns retalhos-reliquia da paisagem da Pré-Arrábida. Estas evidências abrem novas perspectivas para a explicação da sustentabilidade de Chibanes.

Nos alvares do Calcolítico, primeiro quartel do III milénio cal AC, na eleição do local para implantação do povoado, aliou-se, claramente, ao factor topográfico, a existência de importante reserva de solo agrícola na proximidade imediata de Chibanes. No sítio é construída uma muralha arciforme, completando a norte a defesa naturalmente assegurada pela vertente rochosa do quadrante sul. Com cerca de 1ha, este povoado integra o movimento de plena sedentarização propiciado pela Revolução dos Produtos Secundários da Criação de Gado ocorrida na generalidade do território da Península Ibérica (Soares, 2003, 2014).

CASTRO DE CHIBANES INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA DE 2012

1. Introdução e metodologia

A campanha de escavação de 2012 no Castro de Chibanes decorreu de 2 a 27 de Julho, no âmbito do projecto CIB - Chibanes no Contexto da Arqueologia da Península da Arrábida (2012-2015), promovido pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), com o apoio da Câmara Municipal de Palmela.

Os trabalhos foram coordenados pela signatária e Carlos Tavares da Silva, coadjuvados por Susana Duarte e Antónia Coelho-Soares, arqueólogas do MAEDS. Participaram ainda os seguintes elementos, na sua maior parte do Centro de Estudos Arqueológicos daquele museu: António Júlio Costa, técnico de arqueologia; Fernanda Simões, técnica auxiliar de arqueologia; David de Jesus, ilustrador de arqueologia e Fernando Silva (antropólogo). Contámos com o apoio do topógrafo da Câmara Municipal de Palmela, Carlos Alves, que procedeu à verificação da quadrícula, bem como à ligação à rede geodésica nacional de novos pontos cotados.

Os trabalhos de campo, na sua função formativa/educativa, contaram com a participação de estudantes universitários, na sua maioria do Curso de Arqueologia da FCSH da Universidade Nova de Lisboa que, de um modo geral, permaneceram no campo por períodos de quinze dias (escavações no período da manhã): Filipe Gardete (mestrando em Arqueologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa); Ana Filipa Ferreira, Ana Marta Anastácio, Ana Sofia Pereira, Ângela Loureiro, Ângela Pité, Catarina Anacleto, Catarina Meira, Daniel Calado, Daniela Patornilho, Diogo Nascimento, Eva Guerra, Helena Soares, Isabel Soares, João Garcia, Luís Ateba, Marisa Barbosa, Marta Mourão, Patrícia Costa, Ramiro dos Santos, Raquel Lázaro, Tânia Gonçalves, alunos da licenciatura de Arqueologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Thomas Tews aluno da Goethe-Universität Frankfurt am Main Institut für Archäologische Wissenschaften.

A arqueologia de campo aliou-se à formação teórica (Curso de Verão *Arrábida Arqueológica*) de acordo com o conceito de *chantier-école*, previsto no projecto de investigação.

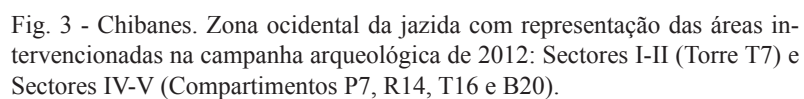




Fig. 4 - Chibanes. Plano da C. 1B, dos Compartimentos R14, T16 e B20. No Compartimento R14, demarcação da área de lajeado e respectiva lareira do período romano-imperial.

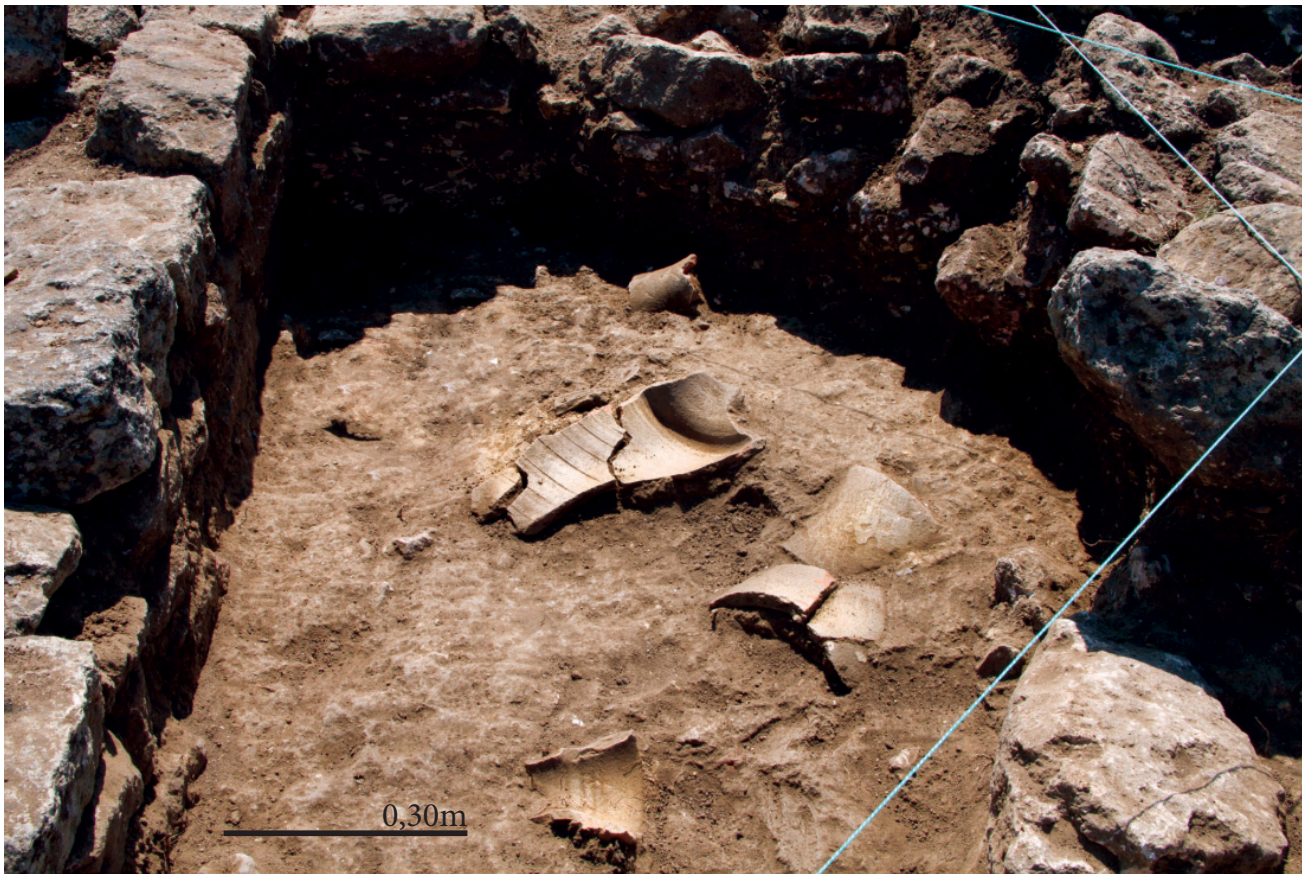


Fig. 6 - Chibanes. Pormenor do plano da C. 2B, do Compartimento R14. São facilmente reconhecíveis o pé e ombro de ânfora itálica Dressel 1 e o bocal de ânfora Ovóide 1 do Guadalquivir (Fig. 20, nºs 1 e 2). Foto Arquivo MAEDS.



Fig. 7 - Chibanes. Espátula-sonda, em bronze, que surgiu associada ao piso correspondente à C.2B do Compartimento R14.

Fig. 8 - Chibanes. Plano da C. 3B, do Compartimento T16.



Fig. 9 - Chibanes. Plano da C. 3B, do Compartimento T16 com o poial (Estr. A18) delimitado por pequenos esteios (lado esquerdo da foto).

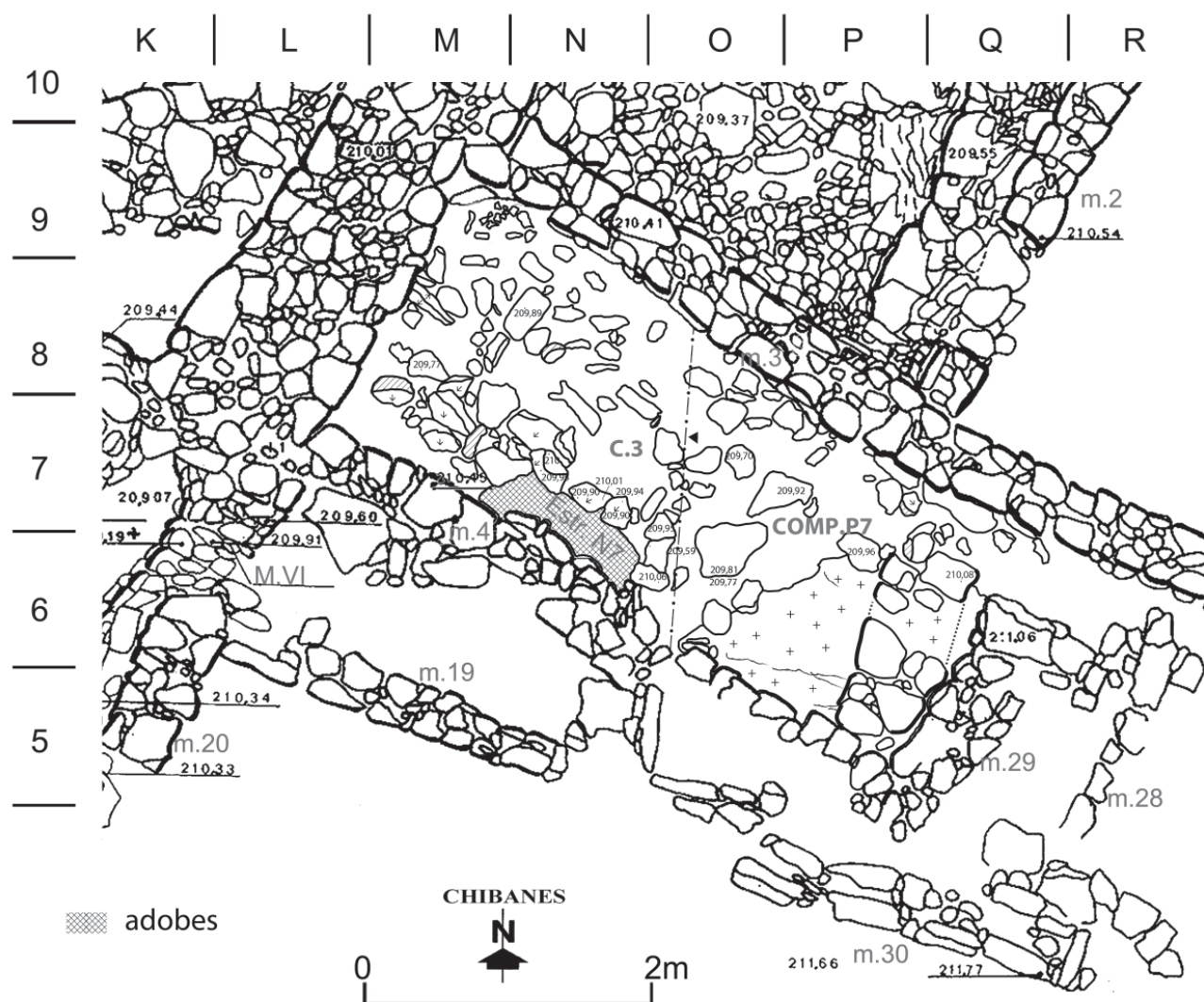


Fig. 10 - Chibanes. Plano da C. 3B, do Compartimento T16, vendo-se em segundo plano, uma lareira (Estr. T15), parcialmente sobreposta por derrubes, sobre os quais assentou o muro 6 (lado direito da foto).

Fig. 12 - Chibanes. Plano da C. 3, do Compartimento P7.



Fig. 11 - Chibanes. Ponta de lança encontrada na C. 3B, do Compartimento T16.



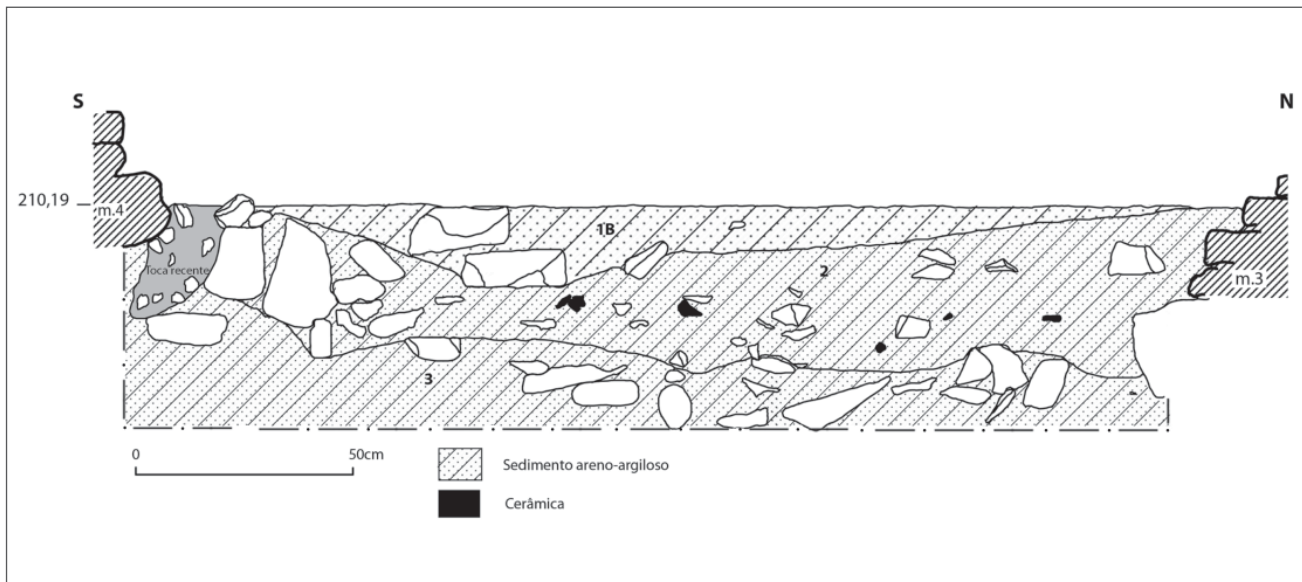


Fig. 13 - Chibanes. Perfil oeste do Compartimento P7.



Fig. 14 - Chibanes. Aspecto da escavação do Compartimento P7. C.3.

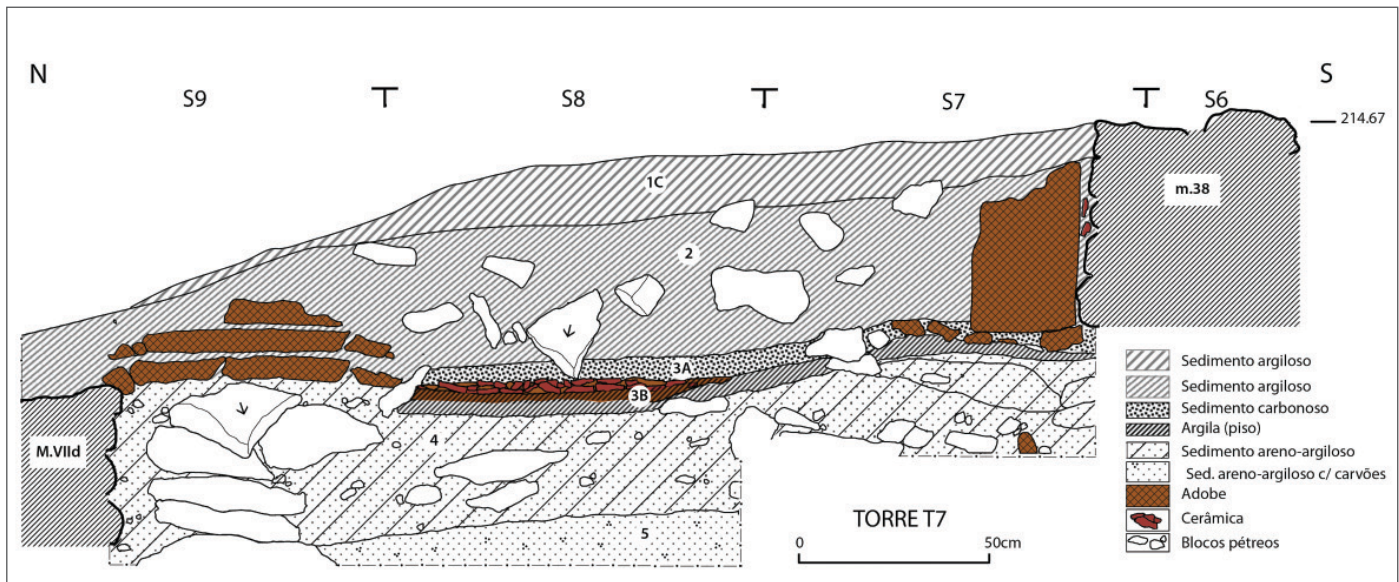


Fig. 15 - Chibanes. Perfil este dos Qs. S6-S9, da Torre T7.



Fig. 16 - Chibanes. Escavação na Torre T7 (vista de nascente).



Fig. 17 - Chibanes. Torre T7 (vista de sudoeste). Foto gentilmente cedida por Raul Losada.



Fig. 18 - Chibanes. Torre T7. Paramento norte do muro (m. 38) que segmentou a torre T7 (vista de norte), ao qual se encosta adobe queimado, tombado da parte superior da estrutura.

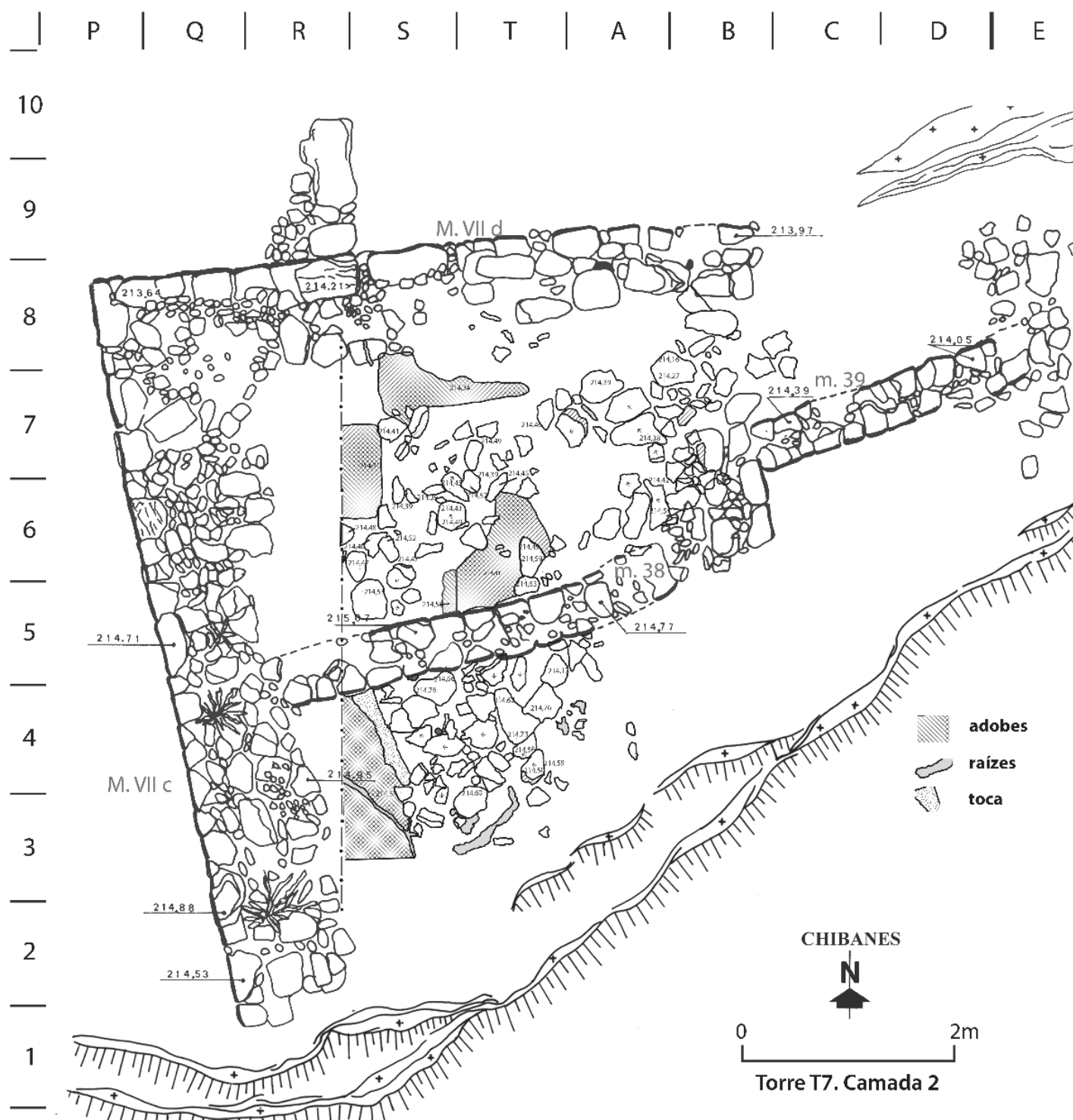


Fig. 19 - Chibanes. Plano da C. 2, da Torre T7.



O financiamento da intervenção arqueológica foi assegurado pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal; a Câmara Municipal de Palmela disponibilizou apoio logístico sob a forma de transportes.

A escavação arqueológica adoptou a quadrícula anteriormente implantada¹. Seguiu-se o método estratigráfico associado à escavação em extensão, contextualizada nos diferentes *loci* identificados.

Procedeu-se ao registo gráfico e fotográfico pertinente.

2. Escavação arqueológica

Os trabalhos localizaram-se no Sector Ocidental da jazida, onde a Camada (C.) 1A já tinha sido removida. Desta forma, a escavação desenvolveu-se nas seguintes unidades arquitectónicas (Fig. 3) pertencentes à Idade do Ferro/periodo Romano Republicano, cuja planta já se encontrava definida pela remoção da C. 1A:

- Comp. R14 (Sector IV: Qs. P13, Q12-Q15, R11-R15, S11-S14, T13-T14);
- Comp. T16 (Sector IV: Qs. R16, S15-S19, T14-18; Sector V: Qs. A14-A18, B16-B17);
- Comp. B20 (Sector IV: Qs. T19 e T20; Sector V: Qs. A19-A20, B18-B20, C18-C20, D19-D20);
- Comp. P7 (Sector IV: Qs. P5, N-Q/6, L-Q/7, L-O/8, M-N/9);
- Torre T7 (Sector I: Qs. R3-8, S3-8, T4-8; Sector II: Qs. A4-8, B4-8, C5-8)

Compartimento R14 (Sector IV)

Neste compartimento escavaram-se as Cs. 1B, 2 e parte da C.3.

A C.1B, formada durante o abandono subsequente ao final da ocupação do sítio, conservava os restos de um pavimento lajeado, muito destruído, e de provável lareira do período romano-imperial (Estr. S13) (Fig. 4). Tal como se verificou anteriormente

(Tavares da Silva & Soares, 1997), a ocupação do sítio durante esta última fase foi esporádica e reutilizou alguns dos compartimentos romano-republicanos supostamente já em muito mau estado de conservação.

Após o desenho e remoção dos derrubes pétreos (C.1B) correspondentes ao colapso definitivo do compartimento, posterior ao abandono romano-republicano, escavou-se a C.2, cuja matriz era formada por argila arenosa de cor bege, resultante muito provavelmente da decomposição de adobes; embalava blocos de calcarenito (C.2A). Na base desta camada (C.2B) foi identificado um piso de argila compactada, com uma área lajeada; sobre o referido piso jazia um conjunto de artefactos de grande significado crono-tipológico (Figs. 5-7 e 20): bocal de ânfora Ovoide 1 do Guadalquivir (García Vargas *et al*, 2011); fragmento de ânfora Dressel 1 itálica; fragmento de cerâmica campaniense de classe afim da B; lança em ferro, e ainda um instrumento cirúrgico em bronze (espátula-sonda) identificado no canto NE do compartimento (Figs. 7 e 20, nº 5) e datado de meados do séc. I a. C.. No seu conjunto, os artefactos referidos permitem integrar este contexto no intervalo de 70 a 40 a. C.

A escavação atingiu ainda o topo da C.3 que corresponde a novo episódio de derrubes, nos quais foi fundado o muro 7. O prosseguimento da remoção desta camada deverá realizar-se na campanha de 2013.

Estratigrafia

O perfil estratigráfico não foi ainda concluído; a escavação deste compartimento prolongar-se-á pela campanha de 2013.

C.1B. – Camada de areia argilosa cinzento-acastanhada escura com numerosos blocos de calcarenito, por vezes de grandes dimensões, resultantes do derrube dos muros do compartimento. Apresenta-se inclinada de sul para norte com espessura de cerca de 0,35m. Possuía uma área de blocos lajiformes associada a possível estrutura de combustão (Estr. S13) com 0,30x0,34m (Fig. 4).

C.2A – Nível de derrubes (de adobes?) constituído por sedimento argiloso de cor bege, com manchas

1 - A quadrícula implantada em Chibanes é constituída por sectores de 20m de lado, orientados segundo o norte magnético e designados por números romanos, de oeste para este e de sul para norte (a partir da extremidade poente do sítio arqueológico). Cada sector foi dividido em quadrados de 1m de lado, designados por letras maiúsculas (de oeste para este) e números árabes (de sul para norte). A escavação efectuou-se, sempre que possível, em extensão e abrangeu áreas específicas (*loci*) identificadas através da designação de um dos quadrados que integram. Por exemplo, *Locus J1*.



castanho-médias; possuía alguns blocos de calcarenito dispersos, carvões disseminados e fragmentos de cerâmica, em geral de pequenas dimensões. Espessura máxima 0,30m.

C.2B – Piso de argila batida, que integrava pequenas lajes de calcarenito. Este piso encosta aos muros norte (m.6) e este (m.7) e está em conexão com a soleira da porta norte, que o liga ao compartimento T16. Dispostos na horizontal, foram encontrados fragmentos de ânforas, cerâmica cinzenta, campaniense, ponta de lança em ferro, instrumento cirúrgico em bronze (Figs. 6 e 7). Espessura máxima 0,15m.

C.3 – Sedimento areno-argiloso, cuja escavação apenas se iniciou.

Compartimento T16 (Sectores IV - V)

Este compartimento foi mais escavado em profundidade que o anterior, revelando claramente dois momentos de ocupação durante o período Romano Republicano. A C.2B (Fig. 5), tal como sucedia no Comp. R14, corresponde ao último momento da vida do povoado romano-republicano. O piso era de argila de cor castanho-média, e com ele correlacionado identificou-se uma lareira de planta ovalada (Estr. S16 – Fig. 5), junto da qual se encontravam carvões de origem vegetal, cerâmica queimada e um cossoiro. Sobre este piso ruíram as paredes de adobes do compartimento (C.2A), a que se seguiu o colapso da base dos muros da mesma construção, em alvenaria de blocos de calcarenito ligados por argila (C.1B). Nesta última camada, ao contrário do observado no Comp. R14, não se verificou qualquer indício de reutilização romano-imperial.

A escavação prosseguiu em profundidade, com a remoção da C.3A, correspondente a derrubes de adobes e blocos pétreos. A matriz argilosa, resultante da decomposição de adobes, mostrou variações laterais significativas, o que parece ser revelador da utilização de diferentes fontes de aprovisionamento de argila para a produção de adobes, como comprovámos na Torre T7. O muro SW (m.6) do Comp. T16, que o separa do Comp. R14 (compartimentos intercomunicantes), assenta sobre o topo da C.3A, de derrubes; também a base do muro 9 foi fundada nesta camada, ou seja, foi construído apenas no segundo momento da ocupação romano-republicana. Estas observações, a que devemos acrescentar o facto do muro 7 do Comp. R14, atrás referido, ter

igualmente fundado a sua base na camada de derrubes, confirmam observações anteriores (Tavares da Silva & Soares, 1997) no que concerne à reorganização do espaço edificado no segundo momento de ocupação romano-republicana. Neste segundo momento, ocorre uma generalizada segmentação dos compartimentos construídos no início do período romano-republicano.

A C.3B do Comp. T16 revelou uma lareira (Estr. T15 – Figs. 8 e 10) de planta ovalada (0,70m x 0,95m) constituída por fragmentos de grandes recipientes, ligados por argila. Em correlação com esta camada foi construído um poial (Estr. A18 – Figs. 8 e 9), limitado por esteios, com 0,60mx1,80m, adossado à parede norte (m. 12). A C.3B, de matriz argilosa, corresponde ao primeiro momento da ocupação romano-republicana e forneceu alguns fragmentos de cerâmica dispostos horizontalmente, de tipologia indeterminada, bem como artefactos em ferro: 1 gancho ou fragmento de espeto, uma ponta de lança, duas facas afalcatadas e fragmento de presumível podão (Fig. 22, nºs 4-8).

Estratigrafia

O perfil estratigráfico não foi ainda concluído; a escavação deste compartimento prolongar-se-á pela campanha de 2013.

C.1B – Camada areno-argilosa cinzento-acastanhada escura com blocos de calcarenito, por vezes de grandes dimensões, resultantes do derrube dos muros do compartimento. Inclinação de sul para norte, com a espessura máxima de 0,22m.

C.2A – Nível de abandono constituído por sedimento areno-argiloso castanho-médio a claro, resultante da desagregação de adobes, com cerâmicas, carvões e adobes parcialmente conservados na metade sul do compartimento. Esta camada encosta aos muros 6, 9 e 12 (ms. 6, 9 e 12) e à muralha romano-republicana. Espessura *ca* 0,10cm.

C.2B – Piso em argila estruturado com placas de calcarenito dispersas. Este piso encosta aos muros 6, 9 e 12 (ms. 6, 9 e 12) e à muralha romano-republicana. Surgiram nesta camada fragmentos de ânfora *Manã* C2b e de campaniense afim do fabrico B. Com este piso funcionaram duas soleiras: uma no vão aberto no muro 9 (m.9) e a outra no vão existente no muro 6 (m.6). Espessura *ca* 0,10m.

C.3A – Sedimento areno-argiloso com carvões dispersos e alguns fragmentos de cerâmica de pequena di-



mensão. Espessura máxima *ca* 0,08m.

C.3B – Sedimento argiloso castanho-escuro com abundantes carvões. Nesta camada apareceram instrumentos em ferro: lança, duas facas, um gancho/espeto e fragmento de presumível podão (valorizamos a presença da ponta de lança face à atribuição funcional proposta para esta fase de ocupação; cf. Quesada Sanz, 2006). Na base da camada desenvolve-se uma estrutura de combustão plana de planta ovalada (0,70m x 0,95m) constituída por fragmentos de cerâmica ligados por argila (Estr. T15). Em conexão com este piso temos igualmente a presença de um poial (Estr. A18).

Compartimento B20 (Sectores IV e V)

Este compartimento, pela sua posição topográfica, foi consideravelmente afectado pela erosão. Procedemos à escavação da C.1B, constituída por derrubes de blocos pétreos de média e grande dimensão (Fig. 4) embalados por sedimento castanho escuro a negro, resultante da dinâmica pedogénica. No Comp. B20 observou-se que o muro 12 (m.12) se entrosava na muralha republicana, deixando perceber a contemporaneidade das duas estruturas. Adossado ao muro norte (m.16) afluam vestígios de um poial, cuja base se prolonga pela C.2 ainda não escavada (Fig. 4).

Compartimento P7 (Sector IV)

Embora muito destruído, foi ainda possível obter um perfil estratigráfico (Fig. 13) no último terço oeste do compartimento (Qs. O8-7), que nos orientou na escavação da restrita área conservada:

C.1B – Sedimento areno-argiloso pouco compacto, com raízes e conchas de moluscos pulmonados, blocos pétreos, alguns de grandes dimensões. Espessura máxima cerca de 0,20m.

C.2 – Nível de abandono constituído por sedimento areno-argiloso, embalando blocos pétreos heterométricos, caídos do muro que limita o compartimento a sul (m.4); presença de fragmentos de cerâmica em posições muito diversas, conchas de moluscos marinhos e restos de fauna terrestre. Esta camada é mais compacta que a anterior e a sua cor, mais clara. Em profundidade, torna-se mais argilosa, em resultado da desagregação de adobes. Espessura máxima cerca de 0,35m. A probabilidade de existência de um piso (C.2B), do qual não se conservam vestígios

nítidos, é colocada pela identificação de um poial adossado ao muro 4 (m.4), do qual se registou um núcleo em adobes, revestido por placas de calcarenito, tombadas na periferia do mesmo (Estr. N7, Figs. 12 e 14).

C.3 – Constituída por derrubes de blocos de grandes e médias dimensões embalados por sedimento areno-argiloso, de cor bege mais clara que a da camada anterior. Na base, adensam-se os grandes blocos que atribuímos ao colapso da muralha sidérica (Figs. 12 a 14).

Torre T7 (Sectores I e II)

A Torre T7 fechava a sudoeste o recinto fortificado romano-republicano, ocupando uma das áreas de cota mais elevada do sítio arqueológico; esta estrutura foi muito afectada pela erosão e o seu comprimento máximo, truncado pelo recuo da vertente abrupta da costeira onde o sítio se implantou (Figs. 15 - 19). De planta rectangular/trapezoidal, segue a concepção arquitectónica das estruturas abaluartadas do limite oeste da fortificação. Após limpeza da estrutura, procedeu-se à abertura de um corte estratigráfico no seu enchimento, de direcção N-S, entre o muro de segmentação da torre (m.38) e a parede norte (M.VII d).

Estratigrafia

Obteve-se a seguinte estratigrafia de cima para baixo (Fig. 15):

C.1C – Derrubes dos muros da torre constituídos por blocos pétreos, de média a grandes dimensões, embalados por sedimento argiloso castanho-escuro. Espessura máxima *ca* 0,16m.

C.2 – Derrubes de grandes blocos de calcarenito embalados por sedimento areno-argiloso castanho-médio a bege, com intensa alteração térmica e fragmentos de adobes cozidos por incêndio que parece ter encerrado a vida útil desta estrutura. Recuperaram-se adobes de cor bege (argilas locais?) e adobes vermelhos (argilas dos barreiros pliocénicos do Vale da Cobra, Baixa de Palmela?), bem como fragmentos de recipientes cerâmicos. Espessura máxima *ca* 0,42m. O muro (m.38) de segmentação da torre cortou esta camada; o piso com ele correlacionável não se encontrava conservado.

C.3A – Nível de incêndio, contendo cinzas, carvões e cerâmica romana republicana. Espessura máxima *ca* 0,12m.



C.3B – Piso em argila castanho-esverdeada, dotado de lareira plana, com planta sub-circular, constituída por fragmentos de ânforas e capas de argila, sobreposta por abundantes cinzas. Surgiram cinzas em outras áreas do piso, facto que apoia a ideia de um incêndio generalizado. Sobre o piso, com cerca de 0,05m de espessura, jaziam fragmentos de cerâmica calcinados, em posição horizontal.

C.4 – Espessa camada contendo blocos pétreos de grandes dimensões, embalados em sedimento argiloso de cor bege. Espessura máxima *ca* 0,43m.

C.5 – Sedimento areno-argiloso, castanho-médio, com abundantes fragmentos de carvão disseminados. A escavação apenas atingiu o topo desta camada de ocupação, devendo ser desmontada na campanha de 2013.

3. Comentários Finais

Nesta fase preliminar do estudo dos resultados da campanha de 2012 em Chibanes, poderemos apenas adiantar alguns apontamentos, referidos à informação previamente publicada. Assim, os trabalhos de 2012 comprovam a instalação em Chibanes de um estabelecimento romano-republicano, muito provavelmente de carácter militar, com início na segunda metade, ou mais propriamente no último quartel do século II a.C. (C.3B do Comp. T16). Este estabelecimento integrou o povoado fortificado da II Idade do Ferro, que terá sido dominado de forma violenta, com destruição da respectiva muralha (Comp. P7, base da C.3). A estrutura urbanística sidérica parece ter sido respeitada; o povoado foi cingido por um novo muro (com cerca de 0,80m de espessura máxima) que seguiu o traçado geral da muralha do Ferro II. No entanto, o estabelecimento romano-republicano dilatou o povoado preexistente através de novas arquitecturas que rompem com a tradição sidérica: construção de duas estruturas abaluartadas (cf. Torre T7), delimitadas por muralhas rectilíneas, em ambas as extremidades do alinhamento de cumeada este-oes-te, defendendo, pois, o acesso pela crista da Serra do Louro. É possível que estas construções se destinassem a guarnição romana que controlaria a região (ou o próprio povoado indígena), na óptica de defesa da rectaguarda conquistada pelas tropas de Décimo Júnio Bruto. A este propósito, tenha-se presente a associação entre o sítio de Chões de Al-pompé, provável Moron (Kalb & Höck, 1988), e o estacionamento do exército romano na região do

baixo Tejo. Ao estabelecimento tardo-republicano de Chibanes atribui Amílcar Guerra (2004) o topónimo latino de *Caepiana* (contido na lista ptolomaica das cidades da Lusitânia que se teriam localizado a sul do Tejo), designação originada a partir do nome de personagem ligada à conquista. Esta hipótese ajusta-se com razoabilidade à provável génese militar do estabelecimento. No entanto, muito mais trabalho arqueológico de campo será necessário para uma boa caracterização da primeira fase da ocupação romano-republicana.

A segunda fase de ocupação do período romano-republicano encontra-se por agora melhor caracterizada e separa-se da anterior por generalizada reestruturação das construções após fase de destruição. As habitações são, em geral, objecto de segmentação. A cobertura dos compartimentos continua a ser realizada com recurso a materiais perecíveis; mantêm-se os embasamentos, em alvenaria de blocos de calcarenito ligados por argila e sobrepostos por paredes de adobes.

As importações de carácter itálico estão bem representadas, tal como as originárias da região do Guadalquivir e particularmente as de Gades (cf. ânforas Maña C2b), cidade que continua a afirmar a sua capacidade de manutenção do ancestral “mercado” atlântico. Esta segunda fase da ocupação romano-republicana centra-se em 70-40 a. C. (cf. C.2B, Comp. R14); possui inequívocos paralelos com Lomba do Canho (Nunes *et al.*, 1989) e Pedrão (Soares & Tavares da Silva, 1973); oferece também algumas similitudes com o estabelecimento tardo-republicano de Monte dos Castelinhos (Pimenta, 2013), o qual no entanto não possui, ao contrário de Chibanes, uma origem pré-romana e a sua cronologia é mais tardia, centrando-se em 50-30 a. C. com prolongamento pelo período augustano.

A ocupação romano-republicana de Chibanes deixa perceber o confronto violento entre o exército romano e a população sidérica, a instabilidade sociopolítica associada ao período tardo-republicano na Ulterior (nomeadamente guerras sertorianas e guerra civil entre pompeianos e cesarianos) e ainda a extraordinária longevidade e a competência adaptativa da cidade-entrepasto de Gadir (López Castro, 1995) sob domínio político de Roma. Estes aspectos gerais e a problemática da localização de Chibanes na interface entre o sistema de povoamento do período romano-republicano do baixo Tejo, que conta actualmente com uma densa malha de sítios arqueológicos, e o território do Sado são questões estruturantes que orientarão o prosseguimento dos trabalhos de campo.

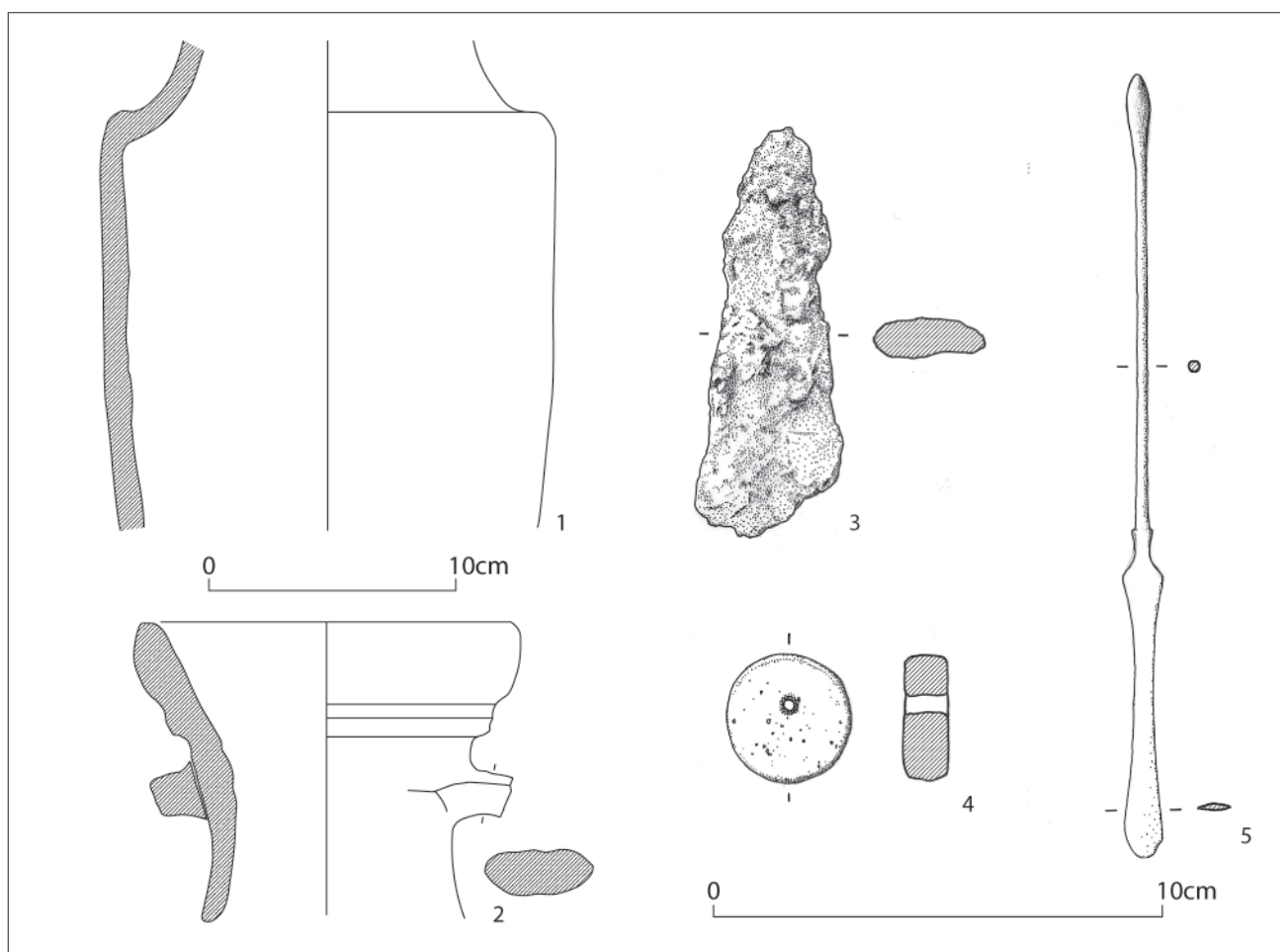


Fig. 20 - Chibanes. Comp. R14, C. 2B. Escavação de 2012. 1 – ânfora itálica Dressel 1; 2 – ânfora Ovóide 1, do Guadalquivir; 3 – ponta de lança em ferro (extremidade distal); 4 – peso em bronze; 5 – instrumento cirúrgico em bronze.

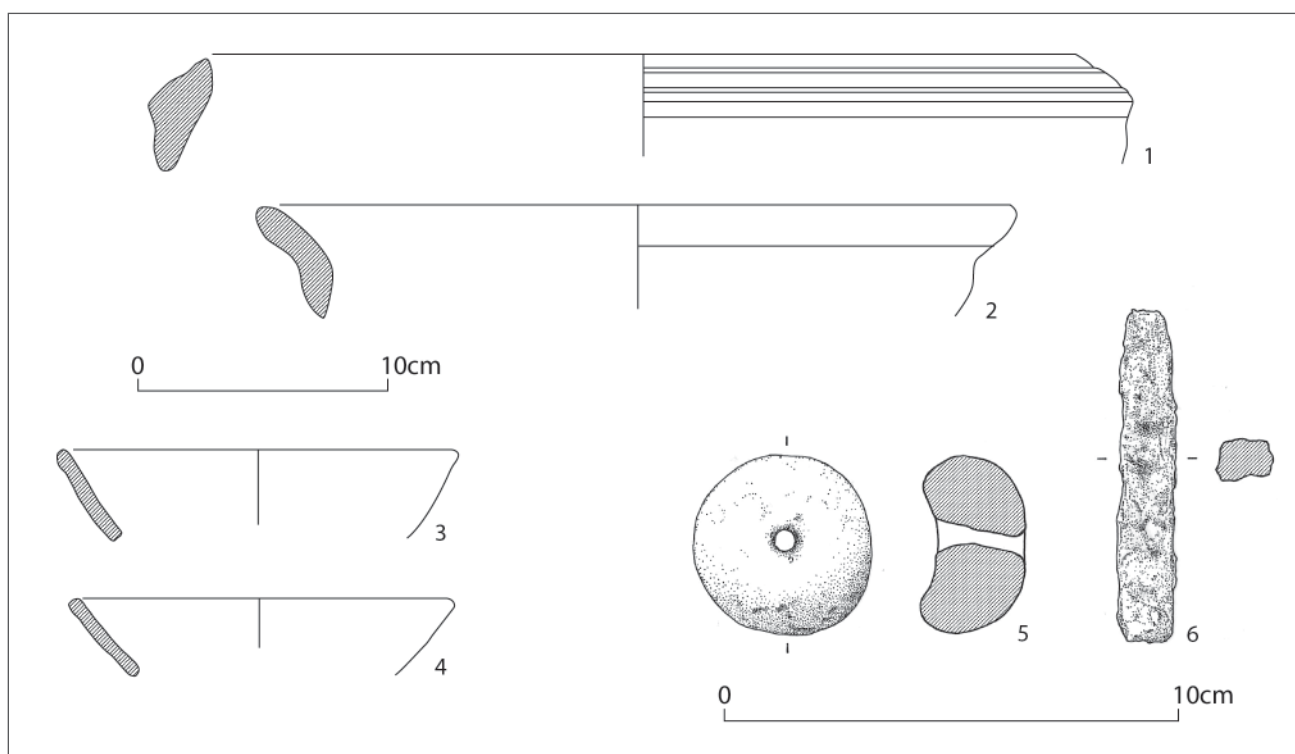


Fig. 21 - Chibanes. Comp. T16, Camadas 2A e 2B. Escavação de 2012. 1 (C.2A); 2, 3 e 4 (C.2B) – cerâmica comum; 5 – cossoiro (C.2B); 6 – fragmento de instrumento em ferro (C.2B).

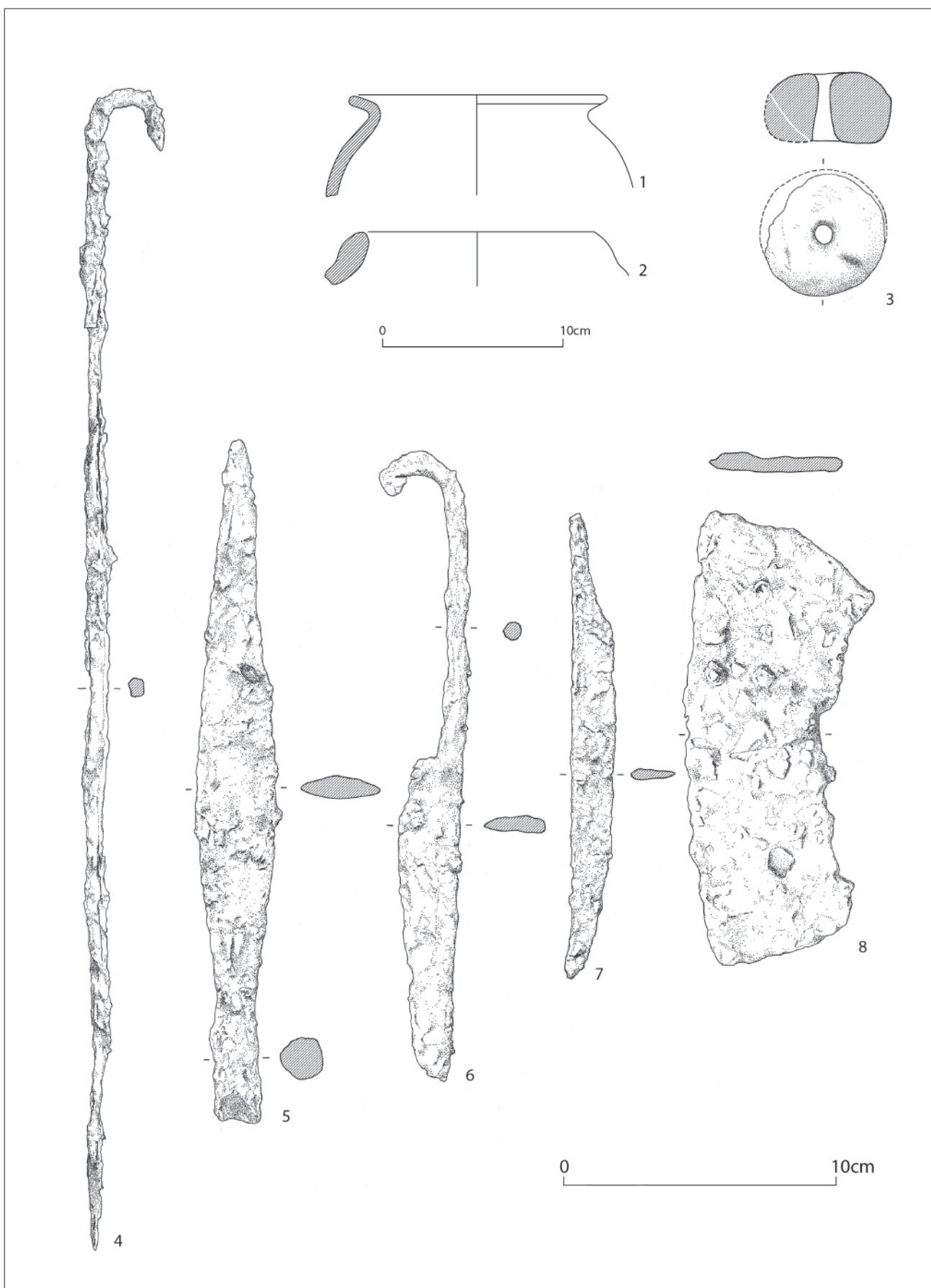


Fig. 22 - Chibanes. Comp. T16, C. 3B. Escavação de 2012. 1 – pote em cerâmica comum; 2 – ânfora ibero-púnica; 3 – cossoiro; 4 – gancho ou espeto em ferro; 5 – ponta de lança em ferro; 6 e 7 – facas afalcatadas em ferro; 8 – fragmento de instrumento agrícola (podão?) em ferro.

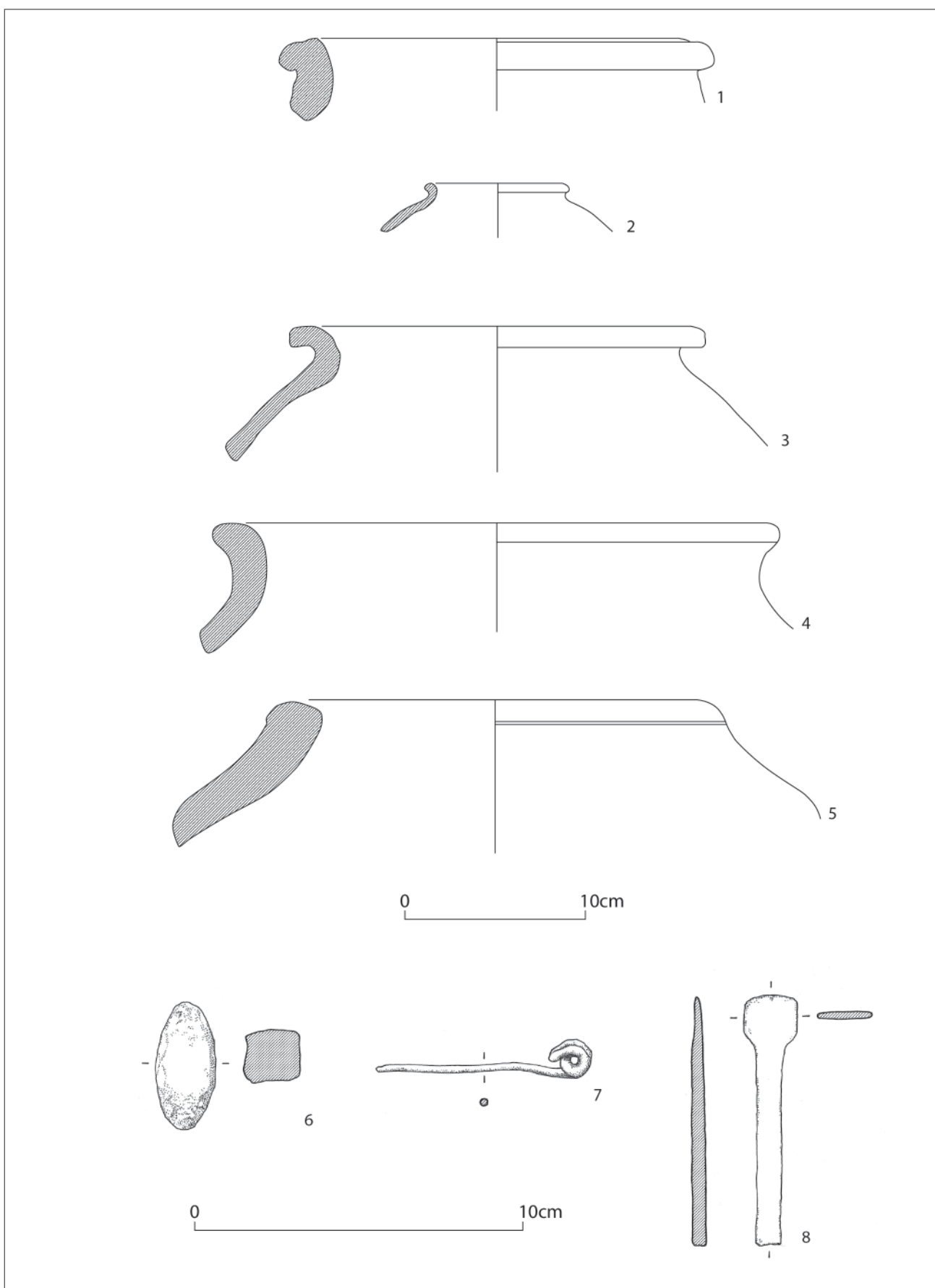


Fig. 23 - Chibanes. Torre T7, Camadas 2, 3 e 5. Escavação de 2012. 1 e 2 (C.2); 3 e 4 (C.3) – cerâmica comum; 5 (C.5) – ânfora ibero-púnica; 6 – glande de chumbo (C.2); 7 – fusilhão, em bronze, de fíbula (C.3); 8 – espátula em bronze (C.3).

Quadro I - Inventário do espólio representado graficamente.

Fig./nº	Nº Inventário	Arqueossítio	Ano escavação	Descrição	Sector	Compartimento	Quadrado	Camada
20/1	CHIB12 - 00169	Castro de Chibanes	2012	ânfora itálica Dressel 1	IV	R14	R14	2B
20/2	CHIB12 - 00165	Castro de Chibanes	2012	ânfora Ovóide 1, do Guadalquivir	IV	R14	R14	2B
20/3	CHIB12 - 00188	Castro de Chibanes	2012	ponta de lança em ferro (extremidade distal)	IV	R14	R14	2B
20/4	CHIB12 - 00187	Castro de Chibanes	2012	peso em bronze	IV	R14	R-S/14-15	2B
20/5	CHIB12 - 00186	Castro de Chibanes	2012	instrumento cirúrgico em bronze	IV	R14	T13	2B
21/1	CHIB12 - 00096	Castro de Chibanes	2012	recipiente de bordo com espessamento canelado	V	T16	B16	2A
21/2	CHIB12 - 00085	Castro de Chibanes	2012	taça de perfil em S	V	T16	A16	2B
21/3	CHIB12 - 00111	Castro de Chibanes	2012	taça hemisférica de bordo simples	IV	T16	S16	2B
21/4	CHIB12 - 00093	Castro de Chibanes	2012	taça hemisférica de bordo simples	V	T16	B16-17	2B
21/5	CHIB12 - 00194	Castro de Chibanes	2012	cossoiro	IV	T16	S16	2B
21/6	CHIB12 - 00193	Castro de Chibanes	2012	fragmento de instrumento em ferro	IV	T16		2B
22/1	CHIB12 - 00004	Castro de Chibanes	2012	pote em cerâmica comum	IV	T16	S16	3B
22/2	CHIB12 - 00106	Castro de Chibanes	2012	ânfora ibero-púnica	IV	T16	R16	3B
22/3	CHIB12 - 00009	Castro de Chibanes	2012	cossoiro	IV	T16	R-S/16	3B
22/4	CHIB12 - 00135	Castro de Chibanes	2012	gancho ou espeto em ferro	IV	T16	S16	3B
22/5	CHIB12 - 00192	Castro de Chibanes	2012	ponta de lança em ferro	IV	T16	R16	3B
22/6	CHIB12 - 00191	Castro de Chibanes	2012	faca afalcatada em ferro	IV	T16	S16	3B
22/7	CHIB12 - 00189	Castro de Chibanes	2012	faca afalcatada em ferro	IV	T16	T16	3B
22/8	CHIB12 - 00190	Castro de Chibanes	2012	fragmento de instrumento agrícola (podão?) em ferro	IV	T16	T16	3B
23/1	CHIB12 - 00163	Castro de Chibanes	2012	Pote de bordo espessado externamente em cerâmica comum	II	Torre T7	B-C/8	2
23/2	CHIB12 - 00133	Castro de Chibanes	2012	pote de bordo extrovertido em cerâmica comum	II	Torre T7	A-B/7-8	2
23/3	CHIB12 - 00129	Castro de Chibanes	2012	pote de bordo extrovertido em cerâmica comum	I-II	Torre T7		3
23/4	CHIB12 - 00131	Castro de Chibanes	2012	talha de bordo extrovertido em cerâmica comum	I	Torre T7	T7-8	3
23/5	CHIB12 - 00125	Castro de Chibanes	2012	ânfora ibero-púnica	I	Torre T7	T6-8	5
23/6	CHIB12 - 00196	Castro de Chibanes	2012	glante de chumbo	II	Torre T7	A-B/7-8	2
23/7	CHIB12 - 00195	Castro de Chibanes	2012	fusilhão em bronze	I	Torre T7	T/6-8	3
23/8	CHIB12 - 00185	Castro de Chibanes	2012	espátula em bronze	I	Torre T7	T/6-8	3

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARCIA VARGAS, E.; ALMEIDA, R. & GONZÁLEZ CESTEROS, H. (2011) – Los tipos anfóricos del Guadalquivir en el marco de los envases hispanos del siglo I A.C. Un universo heterogéneo entre la imitación y la estandarización. *SPAL - Revista de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Sevilla*, 20, p.185-283.

GUERRA, A. (2004) – *Caepiana*: uma reavaliação crítica da sua localização e enquadramento histórico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7(2), p. 217-235.

KALB, PH. & HÖCK, M. (1988) – Moron. *Conimbriga*, 27, p. 189-201.

LEROI-GOURHAN, A. & BRÉZILLON, M. (1972) – *Fouilles de Pincevent. Essai d'analyse ethnographique d'un habitat magdalénien* (VIIe supplément à Gallia Préhistoire). Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique.

LÓPEZ CASTRO, J. L. (1995) – *Hispania poena. Los*



Fenícios en la Hispania romana. Barcelona: Crítica.

NUNES, J.C.; FABIÃO, C. & GUERRA, A. (1989) – Acampamento militar romano da Lomba do Canho, Arganil: um ponto da situação. *Actas do I Colóquio Regional de Arqueologia de Viseu (Viseu, 1988)*. Viseu, p. 403-424.

PIMENTA, J. (coord.) (2013) – *Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a Conquista Romana no Vale do Tejo*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

QUESADA SANZ, F. (2006) – Roman republican weapons, camps and battlefields in Spain: an overview of recent and ongoing research. In *El ejército romano en Hispania. Guia Arqueológica*. Universidad de León, p. 65-84.

RIBEIRO, O. (1937) – Arrábida. Esboço geográfico. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, IV (n^{os} 1 e 2), p. 51-131.

SOARES, J. (2003) – *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

SOARES, J. (2014) – *Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas*. Lisboa: EDIA, DRCAL e MAEDS.

SOARES, J. & TAVARES DA SILVA, C. (1973) – Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal). *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, I. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 245-305

SOARES, J. & TAVARES DA SILVA, C. (1975) – A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 1, p. 53-154.

TAVARES DA SILVA, C. & SOARES, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.

TAVARES DA SILVA, C. & SOARES, J. (1997) – Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. *Estudos Orientais*, 6, p. 33-66.

TAVARES DA SILVA, C. & SOARES, J. (2006) – *Territórios da Pré-história em Portugal. Setúbal e Alentejo Litoral*. Tomar: Centro de Pré-história do Instituto Politécnico de Tomar.

TAVARES DA SILVA, C. & SOARES, J. (2012) – Castro de Chibanes (Palmela). Do III milénio ao séc. I a.C. In *Palmela arqueológica no contexto da região interestuarina Sado-Tejo*, p. 67-87.

TAVARES DA SILVA, C. & SOARES, J. (2014) – O Castro de Chibanes (Palmela) e o tempo social do III milénio BC na Estremadura. *Setúbal Arqueológica*, 15, p. 105-172.

TERESO, J. P. (2014) – Vestígios arqueobotânicos do III milénio cal BC de Chibanes (Palmela, Setúbal). *Setúbal Arqueológica*, 15, p. 173-180.